

Literatura negra-africana: Um conceito de corpo e ancestralidade

*Black-African literature:
A concept of body and ancestry*

Lia Teodoro Martins Ferreira¹
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas, São Paulo, Brasil

Elisabete Figueroa dos Santos²
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas, São Paulo, Brasil

Resumo: As terminologias que conceituam a literatura negra, ou seja, aquelas que abordam a temática negra e são escritas por pessoas negras, no Brasil, variam dentre muitas questões. A principal delas se dá na variação dos termos “afro” e “negro” em seus prefixos, justificando-se a partir da identidade da pessoa negra, segundo Cuti e seu termo “literatura negro-brasileira”; e da herança africana no termo “literatura afro-brasileira”, segundo Eduardo de Assis Duarte. Questões sobre a afetividade e o encantamento também fazem parte na distinção dessa nomenclatura ao demarcar a centralidade nas abordagens que devem predominar na narrativa, como é o caso da literatura negroafetiva de Sônia Rosa; a literatura negro-brasileira do encantamento de Kiussam de Oliveira; e a afroafetiva de Marcos Cajé. A marcação geográfica de inclusão ou exclusão do termo “brasileiro” também é pauta para discussão na conceituação deste termo, tendo em vista a produção brasileira e suas particularidades históricas e sociais que constituem tal literatura. Pensando no impacto que as nomenclaturas carregam no ambiente acadêmico, sobretudo no espaço escolar, o presente artigo visa trazer um novo olhar ao adotar e defender a terminologia negra-africana na caracterização das literaturas produzidas por autores e autoras negros/as no Brasil, a partir do diálogo com os princípios da afrocentricidade de Molefi Kete Asante, a noção identitária de Cuti agregada à cosmovisão africana de corpo na conceituação da literatura negra. Entendendo que nenhum conceito é suficiente para suprir a complexidade de produções literárias negras presentes no Brasil, busca-se ampliar as compreensões existentes, principalmente com referência aos termos de Duarte, Cuti e Sônia Rosa, propondo reflexões concernentes à forma como África configura o corpo negro, tanto como legado da herança africana na Literatura oral, como um corpo não dicotomizado em que lhe é intrínseco o afeto, ciência e conhecimento. Dessa forma, pensar em uma literatura negra-africana é unir: “negra”, a partir dos princípios de corporeidade e a noção transversal de corpo da cosmovisão africana; e “africana”, a fim de marcar a agência psicológica originária do conhecimento, segundo

¹ Professora, pedagoga e mestranda em Educação pela Unicamp. Especialista em Educação e relações étnico-raciais, também possui graduação em Letras - Português/ Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2013). <https://orcid.org/0009-0009-9340-439X> Endereço eletrônico: lia_martis@hotmail.com

² Possui graduação (2008), mestrado (2011) e doutorado (2015) em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. <http://orcid.org/0000-0003-2017-8845E> Endereço eletrônico: clifigue@unicamp.br

os princípios da afrocentricidade de Asante, para caracterizar as produções de literatura negra que correspondem à representação do corpo negro humanizado, intelectual, afetivo, evidenciando as singularidades que diferenciam a corporeidade negra a partir da diáspora e da consciência racial, as relações com o meio-ambiente, política e cultura, considerando visão de mundo e localização psicológica em África.

Palavras-chave: Literatura negra. Literatura negra-africana. Cosmovisão africana. Afrocentricidade. Corporeidade.

Abstract: The terminologies that conceptualize Black literature – that is, literature that addresses Black themes and is written by Black people – in Brazil vary among many issues. The main one is the variation in the terms "Afro" and "Negro" in their prefixes, justified by the identity of the Black person, according to Cuti and his term "Black-Brazilian literature"; and by the African heritage in the term "Afro-Brazilian literature," according to Eduardo de Assis Duarte. Questions about affectivity and enchantment also play a part in the distinction of this nomenclature by demarcating the centrality of the approaches that should predominate in the narrative, as is the case with Sônia Rosa's Black-affective literature; Kiussam de Oliveira's Black-Brazilian literature of enchantment; and Marcos Cajé's Afro-affective literature. The geographical inclusion or exclusion of the term "Brazilian" is also a topic for discussion in the conceptualization of this term, considering Brazilian production and the historical and social particularities that constitute this literature. Considering the impact of nomenclatures in the academic environment, especially in schools, this article aims to offer a new perspective by adopting and defending Black-African terminology in characterizing literature produced by Black authors in Brazil, based on a dialogue with Molefi Kete Asante's principles of Afrocentricity, Cuti's notion of identity added to the African worldview of the body in conceptualizing Black literature. Understanding that no single concept is sufficient to encompass the complexity of Black literary productions in Brazil, this article seeks to broaden existing understandings, particularly with reference to the terms proposed by Duarte, Cuti, and Sônia Rosa, proposing reflections on how Africa configures the Black body, both as a legacy of African heritage in oral literature and as a non-dichotomized body intrinsic to affection, science, and knowledge. Thus, to consider Black-African literature is to unite: "Black," based on the principles of corporeality and the transversal notion of body of the African worldview; and "African", in order to mark the original psychological agency of knowledge, according to the principles of Asante's Afrocentricity, to characterize the productions of black literature that correspond to the representation of the humanized, intellectual, affective black body, highlighting the singularities that differentiate black corporeality from the diaspora and racial consciousness, relationships with the environment, politics and culture, considering worldview and psychological location in Africa.

Keywords: Black literature. Black-African literature. African worldview. Afrocentricity. Corporeality.

1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma das expressões culturais mais importantes, pois ajuda a preservar a memória, legítimas histórias, construções sociais e culturais daquilo que constitui subjetividade e coletividade do indivíduo. Mesmo sendo uma prática majoritariamente individual, a leitura também promove experiências coletivas quando traz em sua narrativa elementos comuns a um povo. O poder de ficcionar a vida, virtualizar possibilidades reais por meio de narrativas faz com que a literatura consiga alcançar e promover estados de transformação e consciência profundos no sujeito, alterando seu estilo de vida e visão de mundo.

As terminologias para se caracterizar as literaturas ao redor do mundo, costumam seguir um padrão político geográfico por considerar as especificidades produtoras de cada local, como momentos históricos, construção social e cultural dos/as autores/as e leitores/as generalizando as produções daquele ambiente pela caracterização nacional. Dessa forma, a literatura produzida no Brasil é literatura brasileira, tal qual a literatura produzida em Portugal é portuguesa, e a literatura

produzida no continente africano é literatura africana. Temos aqui a primeira discrepância, uma literatura não caracterizada pelo país e sim pelo continente, um traço do apagamento epistêmico gerado pelo racismo, já sinalizado por Cuti (2010, p.36) ao justificar o uso da terminologia “negro-brasileiro” e não “afro-brasileiro”.

A literatura brasileira carrega especificidades inerentes à formação do povo brasileiro, dentre elas o racismo, que perpassa todas as estruturas que formam o nosso país. Por ocorrer de forma velada, pautada no mito da democracia racial³, o racismo no Brasil exige da população negra a reafirmação constante de pertencimento nos espaços políticos, econômicos, sociais e acadêmicos a fim de diminuir as lacunas existentes entre brancos e negros não só nas questões de classe, mas de acesso a bens simbólicos e de reconhecimento intelectual. Daí a importância de contemplar na conceituação da literatura, para além da caracterização pela geolocalização como brasileira, uma literatura produzida por autores e autoras negras no nosso país cujo registro aparece desde as primeiras escolas literárias no Brasil, com destaque para Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Cruz e Sousa, Lima Barreto e Lino Guedes (CUTI, 2010, p.63).

A literatura negra então aparece, dentro da literatura brasileira, como um campo literário em constante transformação caracterizada pela produção de autores e autoras negros/as em diversas temáticas que objetivam, principalmente, o leitor negro e a abordagem das subjetividades, experiências e perspectivas da pessoa negra.

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. (IANNI, 1988, p. 91).

A partir do entendimento da existência da literatura negra e suas especificidades dentro da literatura brasileira, inicia-se a conceituação de terminologias como a de Eduardo Assis Duarte (2009, p. 78-80) que vai trazer elementos de conceituação do termo “Literatura Afro-brasileira” a partir de cinco critérios: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público-leitor. Cuti (2010, p.38), por sua vez, conceitua o termo “Literatura negro-brasileira”, justificando a substituição do termo “Afro” por “Negro” por considerar importante a afirmação identitária fenotípica do autor negro já na terminologia da literatura, contribuindo para o não apagamento epistêmico gerado pelo racismo.

Na literatura para as infâncias, Sônia Rosa (2021, p. 12-15) propõe a Literatura “Negro afetiva”, evidenciando o termo “afetiva” para demarcar a humanidade e o amor presente nas narrativas, que colocam o personagem negro em uma situação de conforto, de dignidade, a partir de uma representação positiva e humanizada do personagem. Outros termos igualmente importantes são: “Afro afetivo” e “Afro fantástico” de Marcos Cajé; e “Literatura negro-brasileira do encantamento”, de Kiussam Oliveira.

³ Para entender o conceito de “Mito da democracia racial” ler “Uma história feita por mãos negras” (2021) que reúne artigos de Beatriz Nascimento acerca do assunto.

A complexidade dos termos acompanha a alta produção literária de autores negros e negras no Brasil, tanto na área da literatura brasileira como nas literaturas para as infâncias, cujo trabalho estético acompanha o pedagógico e as estratégias de linguagem se desafiam constantemente para ganhar espaço editorial e chegar às escolas. Todas as nomenclaturas são válidas a fim de acompanhar as inovações no campo literário que é vivo exatamente por estar em conexão com as mudanças sociais, bem como ficcionar as existências que ganham novos contornos e se modificam constantemente.

O presente artigo não objetiva substituir ou anular qualquer conceituação já existente, mas adicionar reflexões provenientes da leitura da autora, pedagoga, professora negra da Educação Básica em escola pública da rede municipal de Piracicaba, interior de São Paulo, também formada na área de Letras e mestranda em Educação, provocada regularmente pela coautora acerca da cosmovisão africana, princípios da afrocentricidade e caminhos metodológicos que nos localizam em África. Este importante posicionamento das autoras nesta escrita é crucial para caracterizar a origem do tensionamento acerca dos conceitos atuais de literatura negra, em especial: “Literatura Afro-brasileira” (DUARTE, 2009), “Literatura negro-brasileira” (CUTI, 2010) e “Literatura negro afetiva” (ROSA, 2021), direcionando as próximas reflexões, incômodos e caminhos que culminam no conceito em construção de Literatura negra-africana que será apresentado, com entornos iniciais, nas próximas páginas.

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA, NEGRO-BRASILEIRA E NEGRO AFETIVA: DIÁLOGOS E REFLEXÕES

O conceito de literatura afro-brasileira de Eduardo de Assis Duarte (2008, 2009) é o termo mais usado no ambiente escolar na classificação da literatura negra. Diferenciando-a da literatura africana, a literatura afro-brasileira carrega na terminologia, além da referência à cultura e linguagem africanas, as especificidades brasileiras advindas da diáspora no nosso país. Segundo o autor, para conceituar essa literatura a temática deve centralizar a pessoa negra, autoria deve ser de afro-brasileiros (as), o ponto de vista deve abordar a visão de mundo da pessoa negra e suas relações históricas, sociais e culturais no Brasil. A linguagem deve marcar uma discursividade oriunda de África e inserida no Brasil, e o público-leitor intencional da narrativa deve ser afrodescendente. (DUARTE, 2009, p.80).

Como professora da educação Básica, anos iniciais do Ensino Fundamental, ao trazer essa literatura em minhas práticas pedagógicas o que mais chamava atenção e caracterizava de fato essa literatura para as crianças era a presença do corpo negro enquanto protagonista da história. Criança pouco identifica o autor. Cabe a mim, enquanto mediadora de leitura, construir o hábito de identificá-lo na obra. Os livros para as infâncias, nas escolas, geralmente estão presentes devido às políticas públicas de promoção ao livro e fomento à leitura, em especial o PNLD literário (Programa nacional do livro e do material didático) que apesar de contemplar livros que trabalham a temática negra, são produzidos majoritariamente por autores brancos. (SANTOS;

GONÇALVES, 2023, p. 330-331). Com o advento da alteração da LDB pela lei 10.639/03

Foi notório um maior interesse de autores junto às editoras de literaturas infanto-juvenis para a publicação de livros que contemplassem as exigências previstas na lei. Nesse movimento, destaca-se também a presença de muitos autores brancos produzindo obras que contribuem para a discussão (SANTOS; GONÇALVES, 2023, p. 333)

Neste sentido, no contexto escolar infantil e dos anos iniciais do fundamental, cuja estética literária sobressai à crítica nas dinâmicas pedagógicas com o livro, a temática negra e a presença do corpo negro como protagonista nas literaturas para as infâncias, ou seja, a imagem do negro, a representação física, biológica na narrativa acaba se destacando nas práticas pedagógicas antirracistas, deixando a autoria em um segundo plano, exatamente pela concreticidade que as imagens carregam e que são mais sensíveis às crianças. Isso se torna um problema quando o livro em questão traz um ponto de vista ou uma linguagem racista, quando as representações são estereotipadas, quando se intenciona um público infantil, sem considerar raça, cujo principal objetivo é a moralidade e o civismo, forçando uma mensagem que apague a importância das diferenças e do autoconhecimento.

O autor branco pode se autodeclarar afro-brasileiro se tiver uma avó negra, escrever um livro de temática negra, oferecer o seu ponto de vista que pode não representar o negro devido à descaracterização das vivências do seu próprio corpo no Brasil, um país em que a cor da pele sobressai à origem no que diz respeito ao tratamento e discriminação racial; diferentemente dos Estados Unidos e países europeus em que a origem africana sobressai ao tom da pele. Neste sentido, uma narrativa de temática negra de um autor branco, afrodescendente americano, por exemplo, pode gerar mais conexões com o leitor negro no Brasil do que o autor branco afro-brasileiro.

Dessa forma, à esteira de Cuti (2010, p.33), também reivindico a importância de marcar, já na terminologia da literatura, a identidade fenotípica negra do autor:

A produção literária de negros e brancos, abordando as questões atinentes às relações interraciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses produzem. A par do surgimento da personagem negra em livros de autores brancos e mestiços, mediadas pelo distanciamento, a produção de autores negros segue sua trajetória de identidade e de consolidação gradativa de uma alteridade no ponto de emanção do discurso.

No entanto, como considerar o termo “negro” e ignorar literaturas africanas no ambiente escolar, que nem sempre trazem o corpo em sua temática, mas animais, elementos da natureza que, apesar de não virtualizar a realidade, traz princípios, ensinamentos e visões de mundo provenientes da cosmovisão africana? Uma cosmovisão que gerou o conhecimento dos negros no nosso país. Como ignorar esses saberes no contexto escolar e fora dele, entendendo ser essa a origem do conhecimento

que tanto busca-se preservar na cultura e linguagem brasileiras na literatura? Como separar literatura africana de literatura brasileira ao mesmo tempo que se busca o reconhecimento intelectual do negro, fruto de África, na literatura nacional? E pensando nisso, vale indagar: de onde veio esse conhecimento? Se forjou com um enfoque da experiência racista ou das potencialidades ancestrais africanas?

Considero igualmente importante demarcar a identidade negra fenotípica e a origem propulsora do conhecimento do negro no Brasil para caracterizar a literatura, daí *literatura negra-africana*, principalmente pensando nas pontes que podem ser estabelecidas no espaço escolar, tanto na formação de professores como em sala de aula, sinalizando para ambos, desde a terminologia literária, que a nossa identidade negra vem de África, tem origem, cultura e uma visão própria de mundo. Passar para as crianças, em especial as crianças negras, que a cor da sua pele, seus traços fenotípicos são heranças provenientes de um estilo de vida e perspectiva que se alinham aos valores encontrados na cultura africana, que pode ser apresentada por metáforas, provérbios, fábulas, pontos cantados, oralidade e que mesmo produzidas em outro continente, se conectam aos nossos. Ao se perguntar, “O que eu herdei da África?”, compreender que junto a cor da pele, cabelo, boca e nariz, vem também a transversalidade, comunidade, partilha e tantos ensinamentos presentes nesta literatura.

O termo *negra-africana* já apareceu antes na obra “Anthologie Negro-Africaine” de Lilyan Kesteloot⁴ em que a autora se preocupa em usar o termo “negro” para não englobar africanos árabes. Aqui o termo “africano” aparece como marcador cultural e geográfico das obras, não como agência psicológica do/a autor/a, como propõe Asante (2009, p. 96) e como defendo na conceituação *negra-africana* que aqui proponho. Ao substituir “brasileiro” por “africana” não pretendo invisibilizar o processo diaspórico brasileiro, mas (re)estabelecer a conexão africana que temos em nossa cultura, linguagem e perspectiva.

Nosso principal incômodo com as terminologias em questão é a necessidade demarcada de manter “brasileiro” a fim de sublinhar a diáspora nas nossas produções sem considerar que esse marco histórico proporcionou pontos de vista, mas não originou o conhecimento. Cuti afirma que “A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil” (CUTI, 2010, p.44), questão de suma importância, todavia, ainda que se tenha formado fora de África, os elementos que compõem essa literatura vêm de África. Por vezes, são ressignificados e/ou traduzidos para a realidade da diáspora brasileira, mas seu berço ainda é África e isso não deve ser ignorado. Aliás, conforme reconhece a própria União Africana (UA), a diáspora é a sexta região de África e, portanto, constitui-se África.

A forma que a população negra encontrou de resistir em comunidade, nos quilombos, a comunicação estabelecida pelo tambor, a dança, os pontos cantados, a capoeira e todas as manifestações culturais que serviam de conforto e resistência no

⁴ Segundo Cuti (2010, p. 40): “A par dessa distinção balizada pela palavra ‘negro’, a ela a autora atribui a noção de cultura. Para Kesteloot há uma África cultural que englobaria os negros de outras partes do planeta, cuja origem seja o continente africano. Daí a expressão *negro-africaine* no título da antologia que não contemplou o Brasil.”

processo diaspórico, são relatados na literatura negra, a partir de experiências brasileiras conectadas com elementos africanos.

Nas literaturas para as infâncias, por exemplo, ao trazer bell hooks e o livro “Meu crespo é de rainha” e “Tanto tanto” de Trish Cooke, ambos de autoras negras americanas, mesmo não sendo brasileiras, mesmo vivenciando a diáspora e o racismo de forma diferente do Brasil, o fato de produzirem livros localizados psicologicamente em África, com elementos voltados a autoestima e beleza negra, partilha e comunidade familiar comuns à pessoa negra, permite que as especificidades históricas e sociais se conectem em uma conexão externa originária de um mesmo lugar. Enquanto pessoas negras brasileiras conseguimos nos conectar com a produção de negros americanos, caribenhos, latinos, pois a experiência diaspórica, apesar de diferente, são localizadas em África, e as lutas e desafios com relação a nossa autoestima, racismo, reconhecimento intelectual em função dos traços que carregamos são as mesmas. (ASANTE, 2009, p. 102)

Pensar Asante e os princípios da afrocentricidade na caracterização literária em conjunto com a necessidade de manter a identidade fenotípica negra, símbolo de resistência e luta contra o racismo na terminologia *literatura negra-africana* em comparação aos termos já existentes, principalmente “literatura afro-brasileira” de Duarte e “literatura negro-brasileira” de Cuti é partir de uma perspectiva literária que prioriza a experiência e promoção da formação identitária brasileira a partir das potencialidades africanas.. Uma literatura que carregou nos corpos negros uma herança africana capaz de resistir e se manifestar na linguagem e na cultura brasileira. Um legado de afeto, comunidade, resistência, natureza e uma forma única de enxergar o mundo que ganhou novos contornos com o processo diaspórico, sem negar ou omitir a origem desse conhecimento. Nossa potência está em África, não na escravização ou no racismo e suas mazelas atuais, e a literatura negra brasileira deve carregar o marcador *africana* em suas conceituações e nomenclaturas a fim de localizar a agência do conhecimento que guia tal produção literária.

O termo de Sônia Rosa de literatura negro afetiva criado em 2019 destoa um pouco das terminologias usadas, porém dialoga com o conceito de Cuti em ressaltar a identidade negra fenotípica na autoria e temática literária. Marcar o afeto em um corpo negro já na nomenclatura é o diferencial do termo que é potente e assustador ao mesmo tempo, pois de alguma forma viu-se a necessidade de evidenciar a humanidade da pessoa negra na literatura para as infâncias. Com o advento da lei 10.639/03 que altera a LDB, o aumento de livros relacionados à temática negra e a procura desse material nas escolas foi crescendo, e a demanda no universo mercadológico sobre a quantidade de livros que trazem o negro como protagonista precisou ser suprida.

Devido ao racismo estrutural do nosso país os personagens negros que aparecem relacionados ao período da escravidão, em situações de sofrimento extremo, personagens folclorizados, com poucas características humanas, por vezes sofrendo racismo explícito ou velado sem apresentar uma solução pautada no letramento racial, ou seja, corpos negros representados de maneira negativa, pejorativa, ressaltando ainda mais os privilégios da branquitude tornaram-se mais frequentes. Como se o mercado editorial reduzisse a obrigatoriedade da lei em produções literárias cuja presença do

corpo negro enquanto protagonista bastasse, mesmo que apresentada de forma indiscriminada, mesmo que reproduzisse o racismo e os estereótipos que a própria lei se opõe. Nesta lógica, puramente econômica, pouco importa a origem étnico-racial do autor, e a leitura rasa da lei e das nomenclaturas que envolvem essa literatura são justificativas para vender e produzir literaturas racistas. Discute-se as relações étnico-raciais a partir da tragédia e não da potência. Mesmo as escritas potentes que ressaltam representações positivas, não estereotipadas do negro, quando escritas por pessoas brancas, nesta lógica de mercado reforçam a manutenção do racismo estrutural, pois mesmo sendo um assunto de domínio da população negra, os autores pagos, contratados, com o poder e reconhecimento econômico do seu trabalho são pessoas brancas. Além disso, a intencionalidade da autoria pautada em uma identidade fenotípica negra sempre será um diferencial dessas obras. Dessa forma, é mister dialogar com Cuti no campo das afetividades como fez Sônia Rosa (2021, p. 12) caracterizando a literatura negro afetiva, principalmente na literatura para as infâncias, cujo mercado editorial é o mais expressivo do país devido as políticas públicas de fomento a leitura vigentes. (CORDEIRO, 2018, p. 1479 - 14780).

Curioso entender como o racismo distorce nossas produções de conhecimento a ponto de se apropriar das nossas temáticas e promover, mascarado por uma produção negra, conteúdos que fomentam o racismo e não humanidade da pessoa negra. (CUTI, 2010, p.65). Consideramos válido marcar a afetividade nas conceituações literárias, tendo em vista tal apagamento, mas considero importante iniciar um exercício de enxergar afetividade em África. A partir do momento em que alimento uma cosmovisão africana para o meu corpo negro, me é possível enxergar o amor, mais do que isso, eu vejo um corpo que carrega memória ancestral e se conecta com a natureza, numa interconexão constante de troca e partilha de saberes e energias e, portanto, considera o afeto na relação com todos os seres. *Negra-africana* também é afeto, pois prevê um conceito baseado nos princípios da corporeidade negra a partir da cosmovisão africana, ou seja, na forma como se pensa o corpo negro nas relações com o meio-ambiente, na sociedade, nos diferentes espaços de partilha, para além da identidade negra e afirmação política como prevê Cuti (2010 p. 46). *Negra-africana* é um conceito de corpo e ancestralidade, cujo diálogo estabelecido convoca Cuti, Asante e a cosmovisão africana de corpo nos princípios da oralidade, infância e educação que aparece na perspectiva de vários/as autores/as, dentre eles/as Sandra Petit, Eduardo Oliveira Miranda, Adilbênia Machado.

3 LITERATURA NEGRA-AFRICANA: FUNDAMENTANDO O CONCEITO

O termo “negro-africano/negra-africano” não é inédito e já foi visto em textos de Abdias no Nascimento, Lilyan Kesteloot, o próprio Cuti, vários autores se utilizam dele para caracterizar mulheres negras, metodologias e afins, mas sem problematizá-lo em sua essência ou atribuir conceitos a esse termo. Geralmente, aparecem na adjetivação da pessoa negra africana, diferenciando dos brancos africanos, árabes africanos, mais relacionados à cor da pele, marcando a pessoa negra, e uma localização geográfica

cultural, diferente da localização psicológica de Asante (2009, p. 96), o que o atual conceito prevê.

O conceito de literatura negra-africana de que tratamos neste ensaio é um conceito de corpo e ancestralidade que dialoga com Cuti, os princípios de afrocentricidade de Asante e a cosmovisão africana acerca do corpo. Quando Cuti (2010 p. 38-40) defende a substituição do termo “afro” por “negro” ele evidencia o termo de identidade negra e o cunho político do termo no sentido de resistência ao racismo e às relações de poder da nossa sociedade, salientando que, devido ao processo diaspórico, os movimentos sociais de resistência se autoafirmaram negros para marcar sua localização política e social, como é o caso do Movimento Negro, Frente Negra Brasileira, Cadernos Negros dentre outros. O conceito negra-africana partilha desse princípio adicionando a corporeidade ao termo, ou seja, a forma como esse corpo se comporta em sociedade. Essa corporeidade vai além das relações sociais, históricas e políticas, mas está também na relação com o meio ambiente, estabelecendo que há interconexões entre o físico, biológico visível e a espiritualidade, memória e cultura que são invisíveis.

Segundo Miranda (2017, p. 117) e o conceito da geografia cultural, a partir de possibilidades afro-brasileiras, defende o corpo enquanto território do ser e do saber, capaz de unir o étnico, social, cultural, biológico, mental e político, essencial à formação identitária do sujeito. Entende-se identidade negra para além do reconhecimento e autoafirmação, mas a partir da cosmovisão africana, entender o corpo como elemento de conexão com a natureza e o invisível, canal de manifestação ancestral no mundo físico, o corpo que carrega a memória ancestral africana e por isso se identifica negra/negro.

Trazer o termo no feminino, “negra” ao invés de “negro”, no masculino, também faz parte da filosofia africana que é matriarcal e entende o corpo feminino como aquele que gera a vida, primeira casa, território do ser que transforma e aprende. Também é desta filosofia a Literatura Oral, cuja premissa é a passagem do saber de um corpo a outro, dessa forma o corpo também é sinônimo do legado cultural de um povo, a herança intelectual se mantém viva nos corpos negros. Sendo assim, “negra” é corpo de aprendizagem, transmissão de conhecimento e cultura, força vital que experiencia o mundo, assimila e mantém a linhagem original através da partilha na fala. (Machado, 2020; Petit, 2015).

Essa conexão invisível (cultural e ancestral) a partir do visível (corpos negros) que constrói identidade subjetiva e coletiva é possível identificar quando nós, negros e negras, nos reconhecemos aleatoriamente pelos nossos corpos. Por exemplo, é comum, no dia a dia, trocarmos olhares entre nós e, mesmo sem nos conhecermos, nos cumprimentarmos. É como se minha força vital reconhecesse a sua por meio dos nossos corpos, naturalizando um aceno, um olhar acolhedor mesmo sem ser parente ou amigo, pelo fato de partilharmos a mesma origem, reconhecida entre os nossos corpos. Reconhecer essa identidade vai além das relações de poder e do racismo, é entender a conexão e a transversalidade da raça negra que nos constitui enquanto sujeitos e se ver no outro, é perceber em si e no outro quanta africanidade trazemos dentro de nós antes mesmo de termos consciência disso.

Em “Pretagogia”, Sandra Petit (2020, p.196 e 197) relata sua experiência partir das vivências de uma pedagogia pensada a partir da cosmovisão africana:

Durante nossos encontros foi possível perceber nossa relação com o mundo africano, e em particular como a cultura negra está infiltrada em minha vida, dentro da minha casa, no meu trabalho, nos meus familiares, amigos quase tudo em nossa volta. Através da religiosidade, da culinária, da música, na dança e outras coisas a nossa volta. Observei que essa africanidade esteve sempre presente em minha vida, desde minha infância nas brincadeiras, em algumas histórias, nas cirandas. Com a oficina das árvores dos sete saberes foi possível perceber como somos negros, como trazemos dentro de nós tanta informação. Cultura africana de nossos antepassados. Agora minha árvore tem vida, tem mais cor, brilho e alegria.

A experiência de identidade negra relatada acima, é diferente daquela que acontece por meio do racismo. Ambas podem ter acontecido com a mesma pessoa, uma experiência não anula a outra, e a potência dos resultados é igualmente importante, porém as consequências e vivências dessas experiências são diferentes, a começar pelos sentimentos de dor. Se identificar negro por meio do racismo é um trauma, é sofrimento, pode provocar raiva, revolta, sentimento de injustiça, tristeza profunda. Pode despertar um senso político forte, crítica social e resistência. Se identificar negro por meio da cosmovisão africana do corpo que carrega, além dos fenótipos negros. A ancestralidade é o acolhimento, afeto, memória, espiritualidade.

A partir dessa discussão conseguimos identificar elementos literários em literaturas negras, a fim de caracterizá-las em literatura negro-brasileira, a partir da identidade negra que Cuti defende, aproximando-se mais do teor político e social do corpo, e negroafetivo de Sônia Rosa, a partir dos elementos afetivos presentes, porém o termo negra-africana, a partir do que estou propondo, uniria os dois, pois ao considerar as potencialidades do corpo a partir da cosmovisão africana abrange afeto, política, cultura e aprendizagem.

Cosmovisão africana é uma visão de um mundo cheio de traços coloridos, é o conhecer de suas ancestralidades, um resgate ao amor aos elementos da natureza, é viver e sentir toda uma diversidade de cultura. política e educação negra. É entrar em um mundo sem preconceito, racismo e trocar vivências e ser um inserido, um antropólogo. Cosmovisão africana é desvendar, abrir uma cortina que esconde toda uma sociedade que existiu, que existe e mostrar tudo que formou e forma ela. (PETIT, 2015, p. 199)

Buscamos em Asante (2009, p. 94-95) recursos para justificar o termo “africana” neste conceito é recentralizar nossa agência africana que se encontra em desagência devido aos princípios europeus presentes na nossa sociedade que prevê a constituição do sujeito a partir de um “eu” branco universal. Asante defende a conexão externa que temos em África devido ao processo diaspórico que formou nosso país, chamando de africano toda pessoa negra que partilha desta origem, independentemente da localização geográfica. Dessa forma, não nega aquilo que Cuti (2010, p. 25) apresenta sobre a hierarquização dos saberes, que invisibiliza a episteme negra, bem como a produção literária brasileira que esconde a intelectualidade dos escritores negros no Brasil. Asante compartilha dessa interpretação da realidade, mas afirma ser necessário o compromisso

com a descoberta do lugar do africano como sujeito em todos os eventos, textos e ideias. (ASANTE, 2009, p. 97).

A partir disso, vale se aprofundar em alguns elementos da afrocentricidade na realidade brasileira, a fim de reafirmar essa conexão em África e evidenciar a importância da literatura em oferecer recursos para o desenvolvimento e formação identitária do sujeito negro, em especial nas infâncias. O primeiro ponto é entender o conceito de agência que o autor define ser “a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana.” (ASANTE, 2009, p. 94). Partindo do pressuposto de que a humanidade não está livre, pois segue dominada por uma lógica ocidental eurocêntrica, os recursos psicológicos disponíveis nas literaturas, mídias em geral, órgãos formadores da nossa sociedade a contar do Estado, escola, entidades religiosas são guiadas por princípios europeus que reproduzem cotidianamente o apagamento consciente de raça em prol da construção hierárquica de poder do homem branco. Isso se reflete tanto na desigualdade referente ao poder econômico destes sujeitos, como no domínio dos saberes em todas as etapas educacionais. Desta forma, os sujeitos crescem sendo educados a conceber uma soberania branca, patriarcal que afasta qualquer indivíduo diferente deste modelo em alcançar aquilo que se entende como liberdade. Quando Asante (2009, p. 94) afirma que a afrocentricidade objetiva deferir um golpe na falta de consciência das vitórias do povo africano, propondo a reorientação dos fatos, ele não elimina ou anula a existência das opressões e da lógica eurocêntrica, mas promove o poder da pessoa negra em se questionar qual é a liberdade que ela quer para si, quais os caminhos quer seguir para ser livre, o ser humano agente, capaz de agir em função do seu interesse, dentro do seu mundo negro, ser protagonista da sua história.

Estar em desagência para o negro brasileiro, portanto, é viver na realidade mercadológica, bancária, patriarcal, eurocentrada que estrutura nosso país, almejando uma liberdade que não foi pensada para os nossos corpos. Daí o termo “liberdade africana” também faz sentido para nós apesar do marcador continental. Também nos contempla, tendo em vista que foi a partir da diáspora e das violências concebidas neste processo que a ideia de liberdade foi forjada no Brasil, fundamentada no pensamento colonizador, afastando dos sujeitos negros/as a possibilidade de se imaginar plenamente feliz, afinal, liberdade e felicidade caminham juntas nesta ideologia, cujo poder de compra, família patriarcal e a estética branca europeia sintetizam o sucesso e a qualidade de vida.

Promover a afrocentricidade por meio da literatura negra-africana é criar uma tática de acesso para pessoas negras a recursos de linguagem, aprendizagem e conscientização desde às infâncias para a formação de uma agência africana. A presença desta literatura, nas escolas por exemplo, serve de contraponto à linguagem coercitiva presente em todas as instituições estruturantes da sociedade que agem na divulgação da liberdade eurocentrada capitalista. É fomentar leituras que despertem ou ampliem a localização psicológica do sujeito negro/a no mundo a fim de alçar seu protagonismo na história objetivando uma liberdade afetiva que contemple minimamente suas vivências e fenotípicos, que priorize o reconhecimento econômico, não necessariamente o consumo, sem modelos familiares ou estéticos, uma liberdade africana, orientada,

localizada psicologicamente em África, cujos valores fundamentam-se na interconexão humana e a importância da comunidade.⁵

Sendo assim, unir a cosmovisão africana de corpo e os princípios de afrocentricidade de Asante é “reivindicar o parentesco com a luta e perseguir a ética da justiça contra todas as formas de opressão humana” (ASANTE, 2009, p. 102), não configurando, portanto, negar a brasilidade e as especificidades históricas do nosso país e sim reconhecermos ser negros brasileiros cuja produção literária objetiva evidenciar a herança africana presente que nos constitui sujeitos e se conecta com o leitor.

Segundo a fundamentação apresentada entendemos que Literatura Negra-Africana abarca os conceitos de Literatura Afro-brasileira, Negro-brasileira e Negro Afetivo, pois traz em seus termos ideias da cosmovisão africana e da afrocentricidade que unem afeto, ancestralidade, memória, coletividade, partilha, política, resistência, enfrentamento em torno do elemento racial que nos forja. Para além da caracterização literária, é possível o uso do termo nas produções acadêmicas de outras áreas do conhecimento, com as mesmas percepções aqui presentes, pois pensar corpo e ancestralidade nesta perspectiva abre um leque de possibilidades e aplicabilidades em diferentes vertentes. No entanto, tendo em vista que a discussão do termo foi pensado no contexto das literaturas para as infâncias, vou me aprofundar me colocando na pesquisa que originou o termo, bem como discutir o papel da literatura para as infâncias negras a partir do termo defendido.

4 O PNLD LITERÁRIO E O IMPACTO DA LITERATURA NEGRA-AFRICANA

Formada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e leitora assídua desde criança, vi a literatura como fonte de despertar da consciência em minhas experiências e, mais tarde, nas crianças como professora. Consumindo autoras como Marisa Lajolo, Regina Zilberman e Nelly Coelho teorizei aquilo que vivenciava nas minhas experiências pessoais e docentes acerca da espiritualidade presente nas literaturas, considerando-a não como pretexto pedagógico, mas contexto sociocultural, recurso psicológico e de consciência crítica do ser, no entanto, apenas no Mestrado em Educação na UNICAMP com a orientação da co-autora deste artigo, Elisabete Figueroa dos Santos e do entendimento interseccional das infâncias à luz de Renato Nogueira (2019, p. 3-7) que compreendi, até mesmo numa autoanálise das minhas vivências literárias quando criança, as especificidades das infâncias negras e da necessidade de uma literatura que suprisse essa formação identitária repleta de ausências presentes nas infâncias negras que as literaturas convencionais não consegue atender. Ora, se tais especificidades são intrínsecas aos nossos corpos, nos acompanhando desde a infância, em que medida nós, enquanto pessoas negras, consumimos literaturas que realmente atendam nossa conscientização e transformação a partir de uma perspectiva diferente do colonizador?

⁵ Filosofia africana *Ubuntu*.

Pedagoga de formação, percebi na docência da educação básica a carência de literaturas negras para as infâncias e o despreparo dos colegas de profissão ao aplicar esse recurso poderoso como recurso de aprendizagem e formação subjetiva. Com o advento da lei 10.639/03 o assunto sobre o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas passou a ser cada vez mais comum, porém sua aplicabilidade ainda carecia de material e conhecimento por parte dos gestores e professores.

O distanciamento social, histórico, político e, principalmente racial da equipe escolar para com as infâncias negras gerou uma nuvem de justificativas para negação do ensino sobre africanidades, reduzindo as atividades das relações étnico-raciais a datas comemorativas, como o dia da consciência negra, bem como o aprofundamento na diáspora africana no Brasil focando nas violências, desigualdades e racismo para atender uma demanda educacional pautada sob a leitura rasa da lei, entendendo ser suficiente apenas tangenciar os conteúdos antes citados.

As literaturas com temáticas negras surgiram como mais um recurso para o desenvolvimento das relações étnico-raciais nas escolas, e sendo as políticas públicas de fomento à leitura no Brasil, em especial o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e o PNLD literário (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) os principais, e em alguns casos, os únicos fornecedores de literatura às escolas, a presença ou ausência de literaturas com temáticas negras nesses espaços dependem da disponibilidade dessas literaturas nestes programas. Mesmo sendo mais antigo o PNBE foi a política pública de fomento à leitura com maior duração no Brasil, por isso é relevante apontá-lo como um dos principais responsáveis pelo fornecimento de livros nas escolas, no entanto, a título de pesquisa, considerando a vigência dos programas, me atentarei ao PNLD literário.

Neste sentido, dois pontos, não distintos, mas interdependentes são importantes: o primeiro é com relação aos critérios de seleção das obras para integrarem o programa nacional. O segundo é entender se tais políticas compreendem, de fato, o que é literatura negra. Neste escopo surge minha pesquisa de mestrado: “Literatura negra infanto-juvenil: O PNLD literário e as práticas pedagógicas transversais”, objetivando investigar se há a presença e transversalização da literatura negra infanto-juvenil nos anos iniciais do ensino fundamental, partindo da primeira versão do programa em 2018. A pesquisa levou-me a compreender que nem o PNLD literário, nem a comunidade escolar entendiam a grandiosidade da literatura negra, muito menos em aplicá-la em um contexto transversal.⁶

Neste ensaio não vou me aprofundar nas práticas pedagógicas transversais nem no teor político que foi forjada em oposição a transversalidade pensada em África e sim discutir sobre como as políticas públicas de fomento à leitura no Brasil ignoram o conceito de literatura negra desde os critérios de seleção das obras o que acaba prejudicando o acesso das crianças a essa literatura. A partir dos pontos estabelecidos vale salientar que os critérios de seleção das obras para integrar o PNLD literário em 2018, primeira edição do programa são: Qualidade do texto; Adequação de categoria,

⁶ A transversalidade proposta no PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) por meio dos TCTs (Temas contemporâneos transversais) em 2018 é concebida em um viés político que se afasta da transversalidade pensada pela cosmovisão africana.

tema e gênero literário; Projeto gráfico-editorial; Qualidade do manual do professor digital. Essa realidade mudou com as alterações políticas na presidência da república, saindo de uma realidade conservadora para uma progressista de governo a partir de 2023, com mudanças significativas nos editais com um aumento de literaturas negras, de fato.

Considerando os critérios estabelecidos no programa antigo de 2018, o item “Qualidade do texto” é o único que traz referências à diversidade de raça e etnia. Não existe, neste edital, elementos que tentem equalizar o oferecimento de obras de autoria negra e/ou temática negra, sendo pontuado, apenas, que livros de cunho racista ou com abordagens estereotipadas dos personagens negros e negras serão desclassificados. Também não há menção ao termo “literatura negra” ou “afro-brasileira”, ou “negro-brasileira” ou “negro afetivo”, até porque, levando ao segundo ponto, não se faz uma discussão do que é literatura negra.

Um levantamento feito por Santos e Gonçalves (2023, p. 333) mostra que nos editais de 2018 e 2020 apenas 8,8% dos livros oferecidos abordam a temática negra, e destes, menos da metade é de autoria negra. Considerando apenas as literaturas para as infâncias, anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), das 30 obras que abordam ou tangenciam a temática negra, apenas 9 foram escritas por autores negros/as, as autoras evidenciam que esta classificação é referente a autodeclaração dos autores que se identificam como negros e negras em todos os espaços, inclusive midiáticos, afirmando sem dúvidas sua origem. Segundo Ianni (1988, p. 91) para se configurar literatura negra é preciso autoria negra para além do conteúdo e/ou protagonismo negro, por isso a diferenciação entre “abordar ou tangenciar a temática” e ser de autoria negra, aspecto ignorado dentro da política pública do PNLD literário.

Algumas hipóteses podem ser levantadas à luz destes dados, porém o racismo epistêmico fundamentado em uma lógica de mercado editorial é um fato. O apagamento dos corpos negros produtores destas literaturas no programa de 2018, bem como as artimanhas usadas para vender diversidade, mesmo que esta não seja criada pelos nossos é um recurso tradicional e sofisticado do racismo estrutural no Brasil, que no âmbito das terminologias literárias também acontece, como já advertia Cuti (2010, p. 43):

Quanto ao nome dado a essa produção, estamos diante de um projeto de “engenharia” ideológica, cujo objetivo é esvaziar o sentido das lutas da população negra do Brasil, sobretudo o seu principal fator: a identidade, este querer-se negro, este assumir-se negro, este gostar-se negro. Ninguém escreveu em nenhuma camiseta: “100% afro-brasileiro”. Essa expressão não provocaria qualquer entusiasmo. É uma palavra artificial, da qual ninguém teve sua integridade ameaçada nem sua dignidade recuperada. “100% negro” é manifestação das ruas, da vida que pulsa fora da universidade, fora de seu controle; é energia que vem da necessidade interior e coletiva de tantos quantos resolveram dizer não ao complexo de inferioridade.

Segundo Coelho (2000, p. 50-51) a literatura é um potente formador identitário psicológico, tendo em vista o conjunto narrativo de tema, linguagem, intencionalidade autoral, construção de personagem e público de destino capazes de promover *aventuras*

*espirituais*⁷ e transformações subjetivas. Sendo assim, a literatura negra-africana aqui defendida promove, além da espiritualidade e transformação prevista pela autora nas literaturas que promovem leituras significativas, agrega os elementos de pertencimento histórico-social e re-centralização psicológica africana devido a motivação da afrocentricidade e corporeidade presentes no termo.

O complexo de inferioridade e integridade ameaçada reféns do corpo negro, como afirma Cuti (2010, p.43) na citação acima estão presentes desde as infâncias e podem ser ressignificadas a partir de leituras significativas de literaturas que concebem o corpo negro enquanto potência, legado e energia vital ligada a afrocentricidade. Essa abordagem vai além do “gostar-se negro”, mas sentir-se negro em sua essência. A Literatura Negra-africana promove não só uma identidade social e cultural em relação ao pertencimento de grupo, raça ou etnia, mas também uma identidade psicológica de reconhecimento de si em um corpo negro que vai além do biológico e seus fenótipos, compreende em um corpo conectado ao invisível, um ser que existe e resiste no afeto, pois prioriza uma reflexão centrada na valorização africana forjada em nossos corpos.

Dirigindo-se ao encerramento do presente ensaio, trago aqui a passagem de Achille Mbembe em “Crítica da Razão Negra” que sintetiza a construção deste termo para as literaturas, concebendo o impacto da conexão entre ficção e real proporcionada pela linguagem, neste jogo de signos, significados, cultura e sociedade na formação subjetiva e coletiva do ser negro

‘África’ e ‘negro’ – uma relação de coengendramento liga esses dois conceitos. Falar de um é, na realidade, evocar o outro. Um confere ao outro o seu valor consagrado. Como já dissemos, nem todos os africanos são negros. No entanto, se África tem um corpo e se ele é um corpo, um isto, é o Negro que o confere a ela – pouco importa onde ele se encontra no mundo. E se Negro é uma alcunha, se ele é aquilo, é por causa de África [...], examinamos o modo como a África e o Negro acabaram por se tornar o signo de uma alteridade impossível de assimilar, a própria efração do sentido, uma alegre histeria (MBEMBE, 2018, p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Literatura negra é um conceito dentro da literatura brasileira que carrega em seu escopo as premissas de autoria, temática e protagonismo negros, porém devido a complexidade nas produções de autores e autoras negros no Brasil, bem como às especificidades que constituem a história e sociedade brasileira, no que tange ao racismo e as estratégias político-econômicas que estruturam a nação em todas as esferas institucionais, movimentaram a criação de outros termos literários a fim de contemplar diferentes abordagens da literatura negra. No entanto, as políticas públicas brasileiras de fomento à leitura não realizam a leitura atenta do termo, nem consideram a importância da autoria negra dessas literaturas, alimentando a invisibilização das produções negras

⁷ Aventuras espirituais segundo Coelho (2000, p. 46-47) são leituras significativas de literaturas que provocam a transformação do sujeito, ou seja, promovem a verdadeira conscientização a ponto de movimentar suas ações; Quando o virtual se conecta ao real em uma experiência espiritual capaz de transformar um sistema de vida e valores.

no mercado editorial. Entendo que todos os conceitos descendem da literatura negra, pois todos preveem autoria, temática e protagonismo negros diferindo, no entanto, na concepção de “negro” e “afrodescendente”.

Seguindo a cronologia dos termos, depois de literatura negra, cujo conceito elaborado neste ensaio parte da percepção de Ianni (1988, p. 91), surge o termo “literatura afro-brasileira” de Duarte (2008; 2009) a fim de inserir na nomenclatura as literaturas africanas cujo teor cultural se alinha ao contexto brasileiro. A autoria, neste caso, é afrodescendente, uma referência continental não identitária, dando brechas para que pessoas de origem africana de pele branca produzissem literaturas afro-brasileiras que traduzem realidades inconsistentes à pessoa negra, principalmente no Brasil em que a cor da pele e os traços fenotípicos sobressaem à origem africana nas relações raciais de discriminação e racismo. Ademais a terminologia corrobora para o apagamento da intelectualidade negra, bem como na manutenção do racismo estrutural principalmente no mercado editorial.

Cuti (2010, p. 31-46) traz a importância da identidade negra fenotípica na produção de conhecimento, conceituando literatura negro-brasileira, que novamente, como na literatura negra traz autoria, temática e protagonismo negro agregando a premissa da identidade negra fenotípica dos autores e autoras, fundamentada nas relações de poder que os negros estão sujeitos na sociedade brasileira. O autor afirma o distanciamento de África, não só pela diáspora, mas pela invisibilização que o termo “afro” causa ao referir-se ao continente como um todo, sem conceber que trata-se uma diversidade de 54 países. Essa forma genérica de tratar a África é um recurso racista de invisibilização das origens.

Sônia Rosa (2021, p. 12-15) em literatura negro afetiva corrobora com as premissas de Cuti, alinhando-se, portanto, aos princípios da literatura negra, porém traz a importância de considerar os afetos nas literaturas para as infâncias, uma estratégia inteligente de extinguir a animalização e as violências relacionadas aos corpos negros nas literaturas.

Em um diálogo com as nomenclaturas citadas defendo o termo de literatura negra-africana partindo, para além da identidade fenotípica de resistência, a cosmovisão africana de entender o corpo como legado africano, receptáculo transformador de conhecimento e aprendizagem, uma filosofia matriarcal (daí o termo no feminino) a partir dos princípios da afrocentricidade de Asante cuja proposta prevê autoria, temática e protagonismo agenciados em África independentemente da localização geográfica, ou seja, valorizar a cultura e a leitura de mundo a partir dos valores e princípios africanos a partir de pessoas negras que entendem seus corpos, bem como sua identidade fenotípica e psicológica, originária em África.

Os impactos da literatura negra-africana são experiências espirituais de conscientização, transformação, formação crítica, pertencimento histórico social e recentralização africana como forma de alcançar a liberdade forjada longe das opressões previstas pelo colonizador.

REFERÊNCIAS

- ASANTE, M.K. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L (org.) *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- COELHO, N. N. *Literatura Infantil: Teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORDEIRO, M. B. S. Políticas Públicas de Fomento à Leitura no Brasil: uma análise (1930-2014). *Educação & Realidade*, v. 43, n. 4, p. 1477-1497, 2018.
- CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DUARTE, E. A. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n. 31, p.11-23, jan.-jun, 2008.
- DUARTE, E. A. Literatura Afro-Brasileira: Elementos para uma conceituação. *Acervo*. v. 22, n. 2, p. 77-90, jul.-dez., 2009.
- IANNI, O. Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. n.28, p. 91-99, 1988.
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.
- LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. São Paulo: Mercado Aberto, 1984. p. 51-62.
- MACHADO, A. F. Filosofia Africana Contemporânea desde os saberes ancestrais femininos: novas travessias/novos horizontes. *Ítaca*, n. 36, p. 248-280, 2020.
- MBEMBE, A. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MIRANDA, E. O. Experiências do corpo-território: possibilidades afro-brasileiras para a Geografia Cultural. *Elisée-Revista de Geografia da UEG*, v. 6, n. 2, p. 116-128, 2017.
- NOGUERA, R; ALVES, L. P. Infâncias Diante do Racismo: teses para um bom combate. *Educação & realidade*, v. 44, n. 2, p. e88362, 2019.
- PETIT, S. H. Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- ROSA, S. Literatura negro afetiva para crianças e jovens. *Revista África e Africanidades*, Ano XIV, Ed. 39, p. 6-22. Ago-Out de 2021.
- SANTOS, B. I.; GONÇALVES, L. S. M. A presença de autores negros no PNLD Literário: de que lugar estamos falando?. *Tabuleiro de Letras*, v. 17, n. 1, p. 326-340, 2023.